

FRANÇA, Eurico Nogueira. O Escravo, de Carlos Gomes, no Municipal.  
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 09 abr. 1954.

Biblioteca Centro de memoria - Unicamp



CMUHE010210

## "O ESCRAVO", DE CARLOS GOMES, NO MUNICIPAL 9.4.54

*Correio da Manhã*

Feliz escolha, a de uma das partituras mais melodramaticamente belas de Carlos Gomes, uma de suas últimas óperas — representada, aliás, só no Brasil, enquanto as anteriores, a partir de *O Guarany*, estrearam na Itália — para inaugurar a Temporada Nacional de Arte do Teatro Municipal. O sucesso de público, anteontem à noite, foi grande, transbordante. Após essas manifestações de simpatia, feitas mais à legenda do mestre brasileiro de ópera — corporificada, na récita, em alguns trechos vocais de eficácia irresistível, ou na brilhante "Alvorada" sinfônica — do que à integridade do espetáculo, e mais ainda de certo a juvenis intérpretes, na maior a estreatantes, do que à própria música de Carlos Gomes, não suficientemente valorizada, as considerações a fazer não infirmam os aplausos, afetivos, ou, por vezes, justamente estimuladores, mas apenas os abstraem.

Se temos no Brasil um grupo de cantores, pequeno, mas experimentado, já de nível mais alto de qualidade, e ao lançarmos uma obra que move o sentimento patriótico dos apreciadores de ópera, tomamos, para defendê-la, um grupo de cantores ainda incipientes — esse critério, se chega a constituir um, se afigura pelo menos extravagante. Não é evidentemente o critério que Carlos Gomes aprovaria, e se trata, no Municipal, de honrar a sua memória, que aliás, de resto, conforme vimos, foi exaltada pelo público. Mas se os dois termos, honrar e exaltar, não coincidem, o desvio conduz os cantores neófitos por um caminho perigoso, mais curto ainda do que perigoso, sob a excitação ilusória dos aplausos. Cumpre, por isso, abstrair essas manifestações que, tão depressa e simpaticamente, rogam o entusiasmo, para levantar um simples quesito preliminar, que põe o problema nos seus devidos termos, e leva a definir também, de modo geral, a récita de anteontem: Não é verdade que cantores dotados de bonita voz natural, mas que ainda não adoutriram domínio da técnica, têm, por força, de demonstrar desigualdade de rendimento? Nunca se sabe, com segurança, visto que eles próprios não a possuem, quando vão cantar mais ou menos bem, quando vão cantar pior. Entre altos e baixos fatais, inevitáveis, transcorreu, por isso, a récita de *Lo Schiavo*.

Sem embargo, admiráveis promessas vocais se agruparam no elenco. Nós seríamos talvez um grande centro de arte lírica, se os nossos cantores de ópera estudassem canto, e tivessem bastante com quem fazê-lo. Pre-

cioso, o material de voz de Wanda Sposito, na Ilara que, para não fugir à regra óbvia cuja enunciação se impôs acima, teve bons momentos, em que se realçou seu timbre raro, no primeiro e segundo atos, mas se expôs a uma prova de insuficiência ao cantar, precisamente, *O ciel di Parahyba*. Esse terceiro ato, de resto, onde por sua vez o protagonista, Iberê — o promissor barítono Lourival Braga — se mostrou hesitante e inseguro, foi bem inferior aos dois anteriores. O próprio Lourival Braga, dotado de voz robusta e de boa cor, teve então oportunidade de manifestar essa suficiente riqueza, que pede aproveitamento conveniente. Mas com aludir-se aos intérpretes principais da ópera, não há como deixar sem destaque a afirmação fortemente positiva, embora irregular, que é o tenor Alfredo Colósimo. Parece uma vozacialmente italiana tendo até uma espécie de morbidez característica de timbre. Com maior experiência que a maioria de seus companheiros foi, dentro da relatividade de plano da Temporada Nacional de Arte, bem escolhido para o papel, apesar de às vezes destimbrar a voz, a exemplo do que sucedeu de início. Joubert lhe atingir o ponto alto de toda a récita, quando cantou a romanza — *Quando nascesti tu nascovano i fiori che il ciel bacio*, exteriorizada com relêvo, e com a tenuta aguda final firmemente atingida. Os aplausos do público, aqui, excepcionalmente, foram adequados, e motivaram o bis que Colósimo deu já no prescínio, ao cerrar-se o velário. E cantou o bis ainda melhor que da primeira vez.

Soprano de bastante projeção no meio lírico nacional, Diva Pieranti, entretanto, não se adapta bem às peculiaridades da parte da Condessa de Boissy, embora disponha de técnica ágil de vocalizes. Indiferável, a rigidez forçada de seus agudos. O distinto cantor Jorge Bailly faz o conde Rodrigo, ouvindo-se, entretanto, pouco em face da orquestra nutrida. Hélio Bajva cantou, esforçadamente, Cianfera. Pais de Oliveira e Ruy França completaram o elenco. Orquestra regida pelo maestro Santiago Guerra, cuja experiência infundiu, quanto possível, segurança, aos cantores. Excusado, entretanto, o bis de "Alvorada". Coros bastante firmes. Espetáculo, em suma, que satisfaz à generalidade de um público benevolente, alertando-nos, porém, mais uma vez, sobre a imprescindível existência do preparo longo de cantores que subam à cena do Municipal.

EURICO NOGUEIRA FRANÇA